

O conceito de desenvolvimento de frente ao espelho: a *etnossensibilidade* e os Avá Guarani/Ñandeva de Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu¹

The concept of development facing the mirror: ethnosensitivity and the Avá Guarani/Ñandeva from Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu

El concepto de desarrollo frente al espejo: la etnosensibilidad y los Avá Guarani/Ñandeva de Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu

Yan Leite Chaparro²

Eliezer Martins Rodrigues³

Josemar de Campos Maciel⁴

¹ Este artigo foi apresentado no VII Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade, que aconteceu em setembro de 2017, na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. O resumo foi publicado parcialmente nos Anais do seminário.

² Doutor e mestre em Desenvolvimento Local e Psicólogo pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Pesquisador do Laboratório de Humanidades (LabuH) da UCDB. E-mail: yanchaparro@gmail.com, Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7058-2988>

³ Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Cientista Social pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professor da Escola Polo da TI Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu. E-mail: eliezer2016martins@gmail.com, Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2215-3713>

⁴ Pós-doutor em Estudos Culturais. Doutor em Psicologia. Mestre em Filosofia e Teologia. Filósofo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: maciel50334@yahoo.com.br, Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8277-9422>

Resumo: O escrito proposto, antes de tudo, segue a questão: afinal, o que é o desenvolvimento? Pergunta inscrita que abre campos e direções que às vezes encontram um lugar-comum, um diálogo, e às vezes encontram colisões e choques violentos, que fazem sobrar somente destroços. Para pensar o desenvolvimento ao lado de outros modos de existir e outras epistemologias, faz-se hoje o esforço de confecção conceitual do conceito *etnossensibilidade*, processo de construção teórica que só existe a partir e *com* o outro, no caso da pesquisa em andamento, os Avá Guarani/Ñandeva que se encontram no território Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu, no município de Japorã, Mato Grosso do Sul. Este conceito busca alinhar as distâncias e os encontros entre outras concepções de desenvolvimento, de território e de modos de existir. Esforço audacioso, que coloca o desenvolvimento de frente ao espelho, produzindo movimento de reflexividade, quando traz as formas/conteúdos de conhecimentos dos Avá Guarani/Ñandeva para o debate em primeira pessoa.

Palavras-chave: os Avá Guarani/Ñandeva; desenvolvimento; Desenvolvimento Local; *etnossensibilidade*; modos de existir.

Abstract: The proposed writing, first of all, follows the question: after all, what is development? Inscribed interrogation that open fields and directions that sometimes find a common place, a dialogue, and sometimes find collisions and violent clashes, which make only debris remain. In order to think about development alongside other ways of existing and other epistemologies, today the effort is made to conceptualize the concept *ethnosensitivity*, a process of theoretical construction that only exists from and *with* the other, in the case of research in progress, the Avá Guarani/Ñandeva that are in the territory Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu, in the city of Japorã, Mato Grosso do Sul. This concept seeks to align distances and encounters between other conceptions of development, territory and ways of existing. A daring effort that puts the development in front of the mirror, producing a reflexivity movement, when it brings the forms/contents of knowledge of the Avá Guarani/Ñandeva to the debate in first person.

Keywords: the Avá Guarani/Ñandeva; development; Local Development; *ethnosensitivity*; ways of existing.

Resumen: El escrito propuesto, ante todo, sigue la cuestión: Después de todo, ¿qué es el desarrollo? Pregunta inscrita que abre campos y direcciones que a veces encuentran un lugar común, un diálogo, y a veces encuentran colisiones y choques violentos, que solamente dejan restos. Para pensar el desarrollo al lado de otros modos de existir y otras epistemologías, se hace hoy el esfuerzo de confección conceptual del concepto *etnosensibilidad*, proceso de construcción teórica que sólo existe a partir y *con* el otro, en el caso de la investigación en curso, los Avá Guarani/Ñandeva ubicados en el territorio Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu, en el municipio de Japorã, Mato Grosso do Sul. Este concepto busca alinear las distancias y los encuentros entre otras concepciones de desarrollo, de territorio y de modos de existir. Esfuerzo audaz que coloca el desarrollo de frente al espejo, produciendo movimiento de reflexividad, cuando trae las formas/contenidos de conocimientos de los Avá Guarani/Ñandeva para el debate en primera persona.

Palabras clave: los Avá Guarani/Ñandeva; desarrollo; Desarrollo Local; *etnosensibilidad*; modos de existir.

PRIMEIRO ATO

O escrito proposto, antes de tudo, segue a questão: afinal, o que é o desenvolvimento? O conceito de desenvolvimento de frente para o espelho. Questão e pergunta inscritas que abrem campos e direções que às vezes encontram um lugar-comum, um diálogo, e às vezes encontram colisões e choques violentos, que fazem sobrar somente destroços. Um conceito/tema que está longe de ser um campo transparente e linear; no seu interior, sua história ainda está confusa e seu território está em processo de confecção, para atravessar e caminhar pelos escombros da história presente e do território movediço.

O texto proposto parte da perspectiva da reflexividade sobre o conceito de desenvolvimento. Das carnes vivas cotidianas e dos subsolos incorporados à organização social moderna como objetos contra/em desenvolvimento, por não acreditarem no modelo homogêneo e hegemônico de desenvolvimento. Objetos que perguntam dia após dia: o que é mais rico, uma lavoura ou uma floresta? Esta pergunta encontra nas ironias dos discursos, dos contextos e dos coletivos do subsolo alternativas para estes objetos se manterem o que são, com seus modos de existir, com suas próprias epistemologias, que atravessam o campo de educação, da saúde, da alimentação e da relação produtiva com a terra.

Para pensar o desenvolvimento ao lado de outros modos de existir e outras epistemologias, faz-se hoje o esforço de confecção do conceito de *etnossensibilidade*, processo de construção teórica que só existe a partir e *com* o outro, no caso da pesquisa em andamento, os Avá Guarani/Ñandeva que se encontram no território Porto Lindo/Yvy Katu, no município de Japorã, Mato Grosso do Sul. Este conceito busca alinhar as distâncias e os encontros entre outra concepção de desenvolvimento, o território, os modos de existir e a amplitude da vida. Esforço audacioso que segue o fio de Ariadne, como lembra Latour (2008), apontamento que coloca o desenvolvimento de frente ao espelho, produzindo movimento e reflexividade, quando traz as formas/conteúdos de conhecimentos dos Avá Guarani/Ñandeva em primeira pessoa.

DESCULPE-ME INTERROMPER

Pensar e falar com os Avá Guarani/Ñandeva sobre o desenvolvimento é, antes de tudo, uma questão política, uma questão que atravessa os planos e projetos nacionais de desenvolvimento. Dizer em alto e bom som que é preciso apreender a pensar com outras mentes (VIVEIROS DE CASTRO, 2015), com realidades que não estão inscritas em manuais da modernidade, é, antes de tudo, uma ação ética e êmica, o que equivale à construção de metodologias e reflexões sensíveis com as sociedades ameríndias, bem como à construção de novas perguntas para os produtos sociais e científicos da sociedade moderna.

Quando uma questão/pergunta desestabiliza as linearidades e as apreensões de verdades no campo do conhecimento, interrompe o curso eufórico de ditos já quase normativos e naturalizados. Isso quer dizer que a pergunta encontra o subsolo ou as entrelinhas da aparente verdade, do dito e da euforia, ou melhor, altera o curso de construção de uma verdade, como a noção de desenvolvimento homogênea e hegemônica, que possui seus pilares incorporados por um perverso jogo de sequestro e exploração de humanos e não humanos, no qual a ciência muitas vezes diplomacia, formaliza e acentua a arrogância de verdade.

Por isso a imagem do processo de construção conceitual que envolve o conceito de desenvolvimento como pergunta interrompe, questiona e indaga por dois lados possíveis, pelo lado “que vem de cima”, o desenvolvimento com que produz uma elástica categoria homogênea de modo de vida, e pelo lado “que vem de baixo”, o desenvolvimento como ideário, produção e construção de conhecimentos e práticas a partir e com o Outro, com os territórios explorados diariamente pela categoria homogênea e hegemônica de desenvolvimento.

Esta noção de desenvolvimento é combustível principal da sociedade moderna, sendo alegoria de salvação, fetiches imaginários de poder e mecanismos nos corredores políticos, científicos e do mercado, assim como mantenedora de tomadas de decisões desenvolvimentistas, ambientalmente insustentáveis, humanamente violentas e cientificamente ilusórias.

A pergunta ganha potência radical quando abre caminho, interrompe e indaga, como processo de construção de conhecimentos a partir do aprendido com os sofisticados conhecimentos das sociedades ameríndias, neste caso, os Avá Guarani/Ñandeva, sobre o que é desenvolvimento. A pergunta

apresenta de forma radical o conceito/tema do desenvolvimento local alinhado precisamente com os Outros, os outros territórios subsolos, em carne viva, que trazem outras construções de realidades e vida. Que não está em nenhuma cartilha comportamental para ser um bom moderno. Em construir desertos verdes, obedecendo à ordem criminosa de boas intenções que continua a tarefa instaurada pela categoria homogênea e hegemônica de desenvolvimento.

Figura 1 – Entre territórios Guarani¹



Fonte: Yan Chaparro, Amambai, MS, 2010.

¹ Foto tirada na estrada, no caminho entre dois territórios Guarani, as aldeias de Amambai e Rancho Jakare.

Como lembra Latour (2008):

Após esta dupla digressão cheia de boas intenções, nós modernos, aparentemente perdemos um pouco de confiança em nós mesmos. Teria sido melhor não tentar acabar com a exploração do homem pelo homem? Teria sido melhor não tentar tornar-se mestre e dono da natureza? Nossas mais altas virtudes foram colocadas a serviço desta tarefa dupla, uma do lado da política, outra do lado das ciências e tecnologias. E no entanto nos voltaríamos tranquilamente para nossa juventude entusiasta e bem comportada, da mesma forma como os jovens alemães se voltam para seus pais grisalhos: “A que ordens criminosas estávamos obedecendo?” “Poderemos dizer que não sabíamos?” (LATOUR, p. 14).

Essas boas intenções perfilam como objetos puros os seus próprios não entendimentos do que fazem como realidade. A modernidade cria dia após dia crimes diretos e indiretos à condição de vida humana e não humana na Terra, por isso, a mesma modernidade cria seus planos, decretos e reuniões para acalmar ou desviar o olhar para o que ela inventa como vida. As ordens criminosas continuam sendo obedecidas com o perdão dos pais, com o enganoso desentendimento sobre a realidade que se cria guiada pelas ordens.

Seria mais fácil dividir natureza e cultura, puros e impuros, política e ciência, Estado e cotidiano, humanos e não humanos. Mas a tentativa da modernidade de construir coisas, seres e objetos puros ofuscou os olhares, desviando-os dos constantes “híbridos” produzidos pelas associações entre humanos e não humanos, natureza e cultura, ciência e política, Estado e cotidiano. Seria mais fácil corresponder a pureza redigida pela modernidade. Mas essa mesma modernidade, no momento que criou os puros, inventou um mar de híbridos infinitamente maior que os puros.

Dessa forma, a pergunta: por um desenvolvimento local do Outro? Faz efeito na ciência, na política, no Estado e no cotidiano. Uma pergunta dupla, uma pergunta que entende o desenvolvimento construído como uma rede organizada por contextos, coletivos e discursos, que atravessa o chão do cotidiano do gari, das decisões das Nações Unidas, da fusão de multinacionais, do movimento sindical, dos bancos privados, das últimas pesquisas científicas, dos territórios Guarani em Mato Grosso do Sul e do jornal ligado ao meio-dia.

A pergunta busca seguir esta rede como o fio de Ariadne, para desvendar as histórias confusas que esta rede constrói como desenvolvimento (real, imaginário, místico), como mecanismos que se associam e nutrem as organizações e sistemas (de saúde, jurídico, educacional, político, de mercado e social) dos modernos. Ação de desvendar que se faz a partir dos conhecimentos sofisticados sobre desenvolvimento dos Avá Guarani/Ñandeva que vivem no território Porto Lindo/Yvy Katu, no município de Japorã.

ETNOSENSIBILIDADE: O TÉCNICO COMO SENSÍVEL, O MÉTODO COMO SENSÍVEL

A *etnossensibilidade* ganha forma e peso a partir do processo sensível que busca e constrói como guia a escuta, o pensar, o fazer e o escrever sensível com os Avá Guarani/Ñandeva, como desenvolvimento etnográfico, com o objetivo claro e rigoroso de construir produções de conhecimentos com os Avá Guarani/Ñandeva e tecer o caminhar com os Avá Guarani/Ñandeva, eles em primeira-pessoa.

A *etnossensibilidade* é conceito metodológico em processo de construção. Processo reconhecido, antes de tudo, a partir da organização êmica do pesquisador ou daquele que caminha dentro do contexto de pesquisa com os Guarani. Este lembra o caminhar do pesquisador atravessado pelo movimento sensível e racional de estar no campo de pesquisa. Que lembra uma etnografia que parte da escuta, do pensar, do fazer e do escrever sensível com o campo de pesquisa, com os Outros, com o território que se atreve a pensar *com*, com o objetivo de produzir conhecimentos com os Outros, neste caso, os Avá Guarani/Ñandeva.

Este conceito, articulado com o processo e a ação do caminhar, retrata e expõe uma forma de pesquisa rigorosa, a qual concretiza dados linguísticos, de sentidos, numéricos, cartográficos e conceituais com o Outro que se caminha ao lado; audácia metodológica que constrói associações para pensar *com* e, antes de tudo, construir um formato metodológico que ganha sua forma e seu ideário no cotidiano do campo de pesquisa.

O caminho metodológico como base e produção de sentido de escrita/fala descobre como caminho sensível e técnico inscrições que juntas

produzem a forma etnográfica. Forma particular de construir uma pesquisa que convive com o Outro presencialmente em primeira pessoa. Que assimila, associa e constrói conhecimentos confeccionados como cartografias sensíveis, de pessoas, de coisas, de modos de existir, de linguagens, dos territórios e de numeradores institucionais.

O caminho e o caminhar tomam a forma de escritas e de imagens. Pensar a metodologia como caminho com os Avá Guarani/Ñandeva é respeitar o momento histórico tecido por viradas ontológicas, quando caminhar ganha sentido no movimento de estar com o Outro, pensar com outras mentes, outros territórios e outros modos de existir. A etnografia pensada como ação de caminhar, de seguir e de educar a escuta (ouvidos, peles, olhos, olfatos e gostos). Escutar, pensar, fazer e escrever sensível dentro de um campo de organização de pesquisa (com as sociedades ameríndias) é antes de tudo, historicamente, um campo rigoroso, árduo e objetivo.

O fazer etnográfico, o efeito etnográfico e a ação etnográfica equivalem ao encontro preciso entre o sensível e o racional do pesquisador, por ser uma forma de pesquisa rigorosa e permeada de responsabilidadesêmicas e éticas. Fazer que produz mapas numéricos, linguísticos, estéticos e territoriais, que direcionam caminhos, demandas e tomadas de decisões.

Tais associações fazem surgir, do esforço de construir um conceito particular para ciências humanas e sociais, a necessidade de buscar e construir um mapa rizomático como um sistema aberto, de articulações e associações de lugares textuais e territoriais para o refinamento do conceito de *etnossensibilidade*; invenção e criação de um novo conceito que entende a elaboração do conceito de *etnossensibilidade* como o movimento do rizoma.

É um movimento duplo, pois o ato de fazer a pesquisa como caminho *etnossensível* está nas relações rozimáticas, no caminhar e fazer pesquisa (escutar, conversar, pensar, fazer e escrever), como também no território em que a pesquisa é produzida, nas formas, nas organizações e nas associações constantes que os Avá Guarani/Ñandeva constroem e produzem seus conhecimentos e conceitos, seus modos de existir, de vida – um sistema aberto etnográfico, que ganha sentido com o conceito *etnossensibilidade*.

Como lembra Latour (2008, p. 21).

Se desejamos que nossa pesquisa seja respeitada do ponto de vista histórico, é preciso que evitemos usar de forma superficial a língua destes atores em nossas próprias explicações.

A referência de Latour (2008) aparece como espelho à frente do próprio caminho desenvolvido pela pesquisa, no tratamento metodológico da pesquisa e na construção dos produtos científicos que a pesquisa permite. Não tratar de forma superficial os atores humanos e não humanos dentro da rede, entre coletivos, contextos e discursos (LATOURE, 2008), está como vertente real a ser seguida e pensada constantemente como ação de produções de formas e conteúdos que estejam como caminho contínuo com o Avá Guarani/Ñandeva, compreendendo que ação de caminhar posiciona sempre os Avá Guarani/Ñandeva como primeira pessoa de toda a produção científica.

Como já expresso por Carneiro da Cunha (2009, p. 288):

Essas sociedades têm uma ideologia de exploração limitada dos recursos naturais, em que os seres humanos são mantenedores do equilíbrio do universo, que inclui tanto a natureza como a sobrenatureza.

A autora em questão aponta muitas reflexões e discussões para o fato de que as sociedades não alinhadas com sistemas desenvolvimentistas, ou com alguns tipos tecnológicos ou globalizados de encarar e praticar o desenvolvimento, teriam bem mais a oferecer para produção de novas realidades menos destrutivas aos humanos e aos não humanos. Produções de realidades e conhecimentos que estão para além de muitos semblantes que simplesmente arranham os sistemas desenvolvimentistas em questão na realidade contemporânea. A mais óbvia produção desses semblantes seria a das práticas de sustentabilidade. Mas esta pesquisa vai além quando busca englobar sofisticados sistemas ameríndios de conhecimentos, realidades e compressões de mundo. Por isso a *etnossensibilidade*.

O movimento reflexivo, dada a observação acima, que é referendada por literatura especializada e também recente, está marcado pelo esforço de desenhar o campo da pesquisa como ato de caminhar *com* e ao lado dos Avá Guarani/Ñandeva, o que requer um redobrado cuidado na construção do campo de pesquisa e na tessitura da escrita, para não sobrepor conceitos sobre o Outro, construindo um distanciamento cada vez maior

e posicionando os diferentes modos de existir sem, necessariamente, compreendê-los ou dialogar com eles.

O ato de caminhar com os Avá Guarani/Ñandeva é descoberto como possibilidade de pensar e escrever a partir das demandas dos próprios Avá Guarani/Ñandeva, do posicionamento deles em relação à realidade deles mesmos e das sociedades envolventes, o que requer o desdobramento do ato de seguir (LATOURET, 2008) os atores humanos e não humanos que permeiam as demandas apresentadas e discutidas, com o objetivo de permanecer-se sensível à sofisticada produção de conhecimentos e às demandas de parceiros de pesquisa com os Avá Guarani/Ñandeva, quando o campo de pesquisa é produzido por alianças e colaborações de práticas e conhecimentos, em que dois ou mais pesquisadores (indígena e não indígena) produzem seus estudos articulados a partir da relação e da ideia de ser um *angyru*, confecção de uma amizade de trabalho e de experiência de vida.

Esta relação reflexiva permite compreensões dialógicas do mundo representacional e significativo do modo de existir Guarani. Um mundo construído com práticas de convivência e produção de meios de vida e de conhecimento, uma organização sofisticada de pensar, fazer e produzir a realidade, composta por representações hierárquicas e narrativas cotidianas que emergem como conhecimentos que historicamente fazem permanecer os Guarani como Guarani. Tal organização produz conhecimentos e práticas que são utilizados no cuidado com a criança, com a alimentação, com as plantas, com os animais, com a organização da reza e com todos os seres não-humanos que compõem uma densa e complexa rede cosmológica.

E é notável que, quando se trata da sofisticação de um discurso hinduísta ou centro-europeu, o mundo científico brasileiro se mostra muito mais permeável e eufórico com a sofisticação. No entanto o esforço de construir uma visão de mundo organizada e complexa resta como tarefa por fazer, que muitas vezes não está do outro lado do mundo, mas do nosso lado, como para quem vive em Mato Grosso do Sul. O que parece misticismo ou esoterismo para o discurso ambientalista é prática cotidiana de conhecimento para sociedades inteiras originárias, que podem contribuir com os debates mais atuais no que envolve o desenvolvimento, o ambiente, a saúde, a educação e a organização jurídica.

Ato de escutar, pensar, fazer e escrever sensível com conhecimentos e práticas que destacam como alguns dos desafios em mostrar que no horizonte da superespecialização científica contemporânea não existem modelos sofisticados como dos Avá Guarani/Ñandeva em relação à consideração dos conjuntos de conhecimentos que envolvem a construção do seu próprio modo de existir, a organização entre pessoa-ambiente e natureza-cultura, e seu modo de existir em relação à sociedade envolvente. Ainda, apreender com os Guarani é uma proposição para evitar colapsos em todas as instâncias que envolvem a vida em carne viva, ou melhor, isso envolve ser guardião do planeta de forma racional, humana e não humana.

Isso remete à fala colhida em 2012, na terra indígena Te'iykue, no município de Caarapó, em Mato Grosso do Sul. Seu Lídio, um importante rezador Kaiowá/Pai'Tavyterã, diz que:

Os Guarani possuem reza para os Guarani e para os não-indígena. Os Guarani possuem reza para equilibrar e cuidar do mundo.

Nesta mesma fala, encontra-se um posicionamento cosmológico Guarani em relação ao seu próprio modo de existir e em relação à sociedade envolvente. Compreensão que se destaca pela lucidez, pela posição e pela compreensão da sua própria total consciência da sua necessidade de estar e ser como é no mundo. Ou melhor, o mundo precisa e necessita da presença viva dos Guarani, são eles que mantêm o equilíbrio do mundo e podem ensinar para os Outros (a sociedade envolvente) como cuidar dele, para que permaneça ainda sendo um mundo.

Estas configurações de conhecimento estão atreladas aos debates no campo dos estudos críticos do desenvolvimento e propõem uma revisão do desenvolvimento que se move, antes de tudo, a partir dos conhecimentos próprios de uma sociedade com uma outra organização social (CLASTRES, 2012), com um outro modo de vida, de existir, com um outro conceito de noção de pessoa. Estes conhecimentos estão para além da noção de mito, pois pensar *com* não requer buscar representações de um mundo para o Outro, ou lugares-comuns que se inter-relacionam, mas sim construir contraposições, revisões e inversões radicais.

Este movimento metodológico se encontra na fala de Carvalho (2001, p. 111), quando diz:

Todas essas disciplinas, tanto nos países centrais como nos periféricos, estão envolvidas agora na tarefa de descolonização das paisagens mentais, a qual implica uma revisão radical dos seus cânones, tanto teóricos como temáticos.

Apreender o conhecimento dos Avá Guarani/Ñandeva sobre desenvolvimento, como perspectiva de conhecimento plenamente condensada e organizada, corresponde ao esforço da antropologia simétrica (LATOURET, 2008) em explicitar que os conhecimentos indígenas/ameríndios caminham em simetria com os conhecimentos ocidentalizados, sobretudo com os discursos de ordem e científicos.

Que inverte a ciência e os conhecimentos que permeiam a sociedade moderna, redobrando-os como mais um conhecimento, importantes, mas sendo mais um conhecimento. Torna-se necessário realizar um esforço de compreensão do modo como as sociedades ameríndias constroem seus conhecimentos de forma aderente e adequada a uma relação eficiente com povos circunstantes e com o ambiente, entendido não como recurso natural, mas como âmbito essencial de vida e de construção do modo de existir. Trata-se de um complexo jogo de alteridade infinitamente sofisticado, embasado por cosmologias organizadas por humanos e não humanos.

OS BICHINHOS ENCANTADOS: OS JÁRA KUÉRA (DONOS) DA ÁGUA²

Seu Sabino Dias

Aqui tinha um Sucuri. Aqui na nascente. Aqui tinha um oco assim. Aqui tinha um Sucuri. Ele pegou nosso Angola uma só. Mas, só a cada três meses. O cachorro bebe água aqui. Mas, a Sucuri não mexe com o cachorro. Só pegou uma Angola nossa. Aqui vem jacu, vem tudo bichinho. Vem codorna. Chega aqui. O Sucuri não vai caçar nada. Vem aqui mesmo. Aqui na nascente.

Aí o que aconteceu. Eu falei para o pessoal. Eu vi o Sucuri, mas ele é

² Encontro que aconteceu no território Porto Lindo/Yvy Katu no dia 19/07/2017, com seu Sabino Dias e com Eliezer Martins. Palavras tecidas dentro do processo de caminhar como trabalho de campo etnográfico a partir da *etnossensibilidade*. Seu Sabino Dias e Eliezer Martins estão no artigo como autoridades intelectuais Ñandeva/Avá Guarani.

mansinho. E depois eu falei para o pessoal. Para não pegar água para tomar banho. Mas, fazer o que falo. Lá no posto está faltando água. Está fazendo oito a novo dias que esta sem água. O pessoal já estava com a roupa suja. As crianças precisam que ir para a escola. Tem que andar limpo. Então, eles precisaram dessa água. Falar o que né. Eu não posso tocar ninguém daqui né. Aí e pessoal veio com sabão, com sabonete, esses que são cheirosos. E acho que a Sucuri foi embora por isso. A Sucuri não mora mais aqui. É assim que acontece. Foi embora. Não esta mais aqui. Espantou pelo cheiro do sabão, do sabonete.

Bichinho da água tem muitos bichos. Tem vários. Porque esses bichinhos são encantados. Tem o Sucuri, tem o Jacaré. São muitos. Mas, esses quando se mostram, se mostram igual uma assombração. E assombração você vê um homem. As vezes você vê uma mulher. Mas assombração é o encantado. Esses bichos são encantados. Esses bichos também, você vê um peixe ali, andando ali. Esse bicho é o dono da água.

Então eu vou contar um história. Ali morava meu sobrinho. E saiu uma nascente de água bem de frente da casa. O menino não conhecia né. Eu falei pra ele. Aqui está nascendo água. E ele ficou muito alegre. Eu falei que ali tinha alguma coisa. Tinha um bichinho encantado. Aí um dia ele me disse que saiu uma barata de onde tinha a água nascendo. Meu sobrinho estava andando na beira da nascente, e um outro guri que não sabia do bichinho matou a barata. Aí nessa hora acabou a nascente. Até agora acabou a nascente. Hoje só tem areia lá.

Então nós que somo Guarani. Nós temos que conhecer tudo isso.

Eliezer Martins

Acho que entendi a colocação do meu Tio. Que aqui, nessa nascente. Aqui tem. Ele falou sobre o bichinhos. Quando a gente olha tem mesmo. Então se a gente começa a destruir os bichinhos. Acaba com os bichinhos. Certeza que vai cercar a nascente. Então é um modo de cuidar dos Guarani em relação a nascente. Ele falou também: todas essas plantas que estão ao redor da nascente são os Jara's, são guardiões da nascente. Os bichos e as plantas.

Isso é interessante porque: estou apreendendo com ele. Ele falou por meio do conto que ele falou agorinha da história. Que a barata morreu, então secou a nascente também. Então, se a gente não cuidar das pessoas que toma banho na nascente, que mata os bichinhos, usando

sabonete. Vai acabando com os bichinhos e até a consequência é que a nascente pode secar.

Tudo isso é um modo de cuidar dos Guarani. Um modo de cuidar da água. Isso é muito importante. Porque quando a gente olha assim, parece que não tem nada, que ninguém cuida. E na verdade meu tio esta cuidando das pessoas e esta cuidando dos bichinhos, que são os Jara da água. Então tudo isso é um conhecimento que desenvolve e vai passando de geração para geração. Então isso é muito importante.

Seu Sabino Dias

A água.

A água é igual a gente também. Precisa cuidar.

A água é remédio também.

Figura 2 – Nascente³, Porto Lindo/Yvy Katu



Fonte: Yan Chaparro, 2017.

³ Fotografia que ilustra uma parte da grande área onde se encontra a primeira nascente referida no texto.

O ESPELHO

Ao emprestar o espelho de Borges (2008), completa-se o sagaz movimento de colocar o conceito de desenvolvimento de frente ao espelho. Uma e muitas perguntas, pois desnaturalizar e questionar o inquestionável exige trilhar por caminhos temidos e tortuosos. Quem e o que pode desestabilizar o mito (FURTADO, 1974) e a crença (RIST, 2002) do desenvolvimento?

Neste caso, as palavras guardadas de Sabino Dias e Eliezer Martins, a complexidade cosmológica que envolve os Jára Kuéra e as relações de cuidado que os Avá Guarani/Ñandeva produzem com a água desestabilizam o quase inquestionável conceito de desenvolvimento, pois os Avá Guarani/Ñandeva não criam e nunca criaram desertos humanos e não humanos.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

BORGES, Jorge. *O fazedor*. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

CARVALHO, José. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 107-47, 2001.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1974.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. 4ª reimpressão, Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

RIST, Gilbert. *El desarrollo: historia de una creencia occidental*. Madrid: Editora Catarata, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

